

BILINGUISTO E MONOLIGUISTO INTERFERENCIAL: ESTUDO DAS INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS DO KIMBUNDU NO PORTUGUÊS FALADO NA COMUNIDADE DO BAIRRO-8, PROVÍNCIA DO BENGÓ

Agostinho Mulombo DOMINGOS¹

Resumo: Este estudo teve como objetivo identificar as marcas da morfologia nominal do Kimbundu no português falado pelos falantes do Bairro-8, na formação do grau e do número. Para isso, foram coletados dados de falas de falantes nativos do português e Kimbundu e analisados em relação à formação do grau aumentativo e diminutivo, e do número, nas duas línguas. Os resultados indicaram que o contato linguístico entre o português e o Kimbundu, nesta comunidade, é o grande fator para que a morfologia nominal da língua Kimbundu interfira no uso da língua portuguesa e é um dos elementos responsáveis pelo monolinguismo interferencial em Angola. Dada a frequência e presença das marcas de número e grau do Kimbundu no português falado pela comunidade do Bairro-8, percebe-se um olhar normal a esses fenômenos pela óbvia tendência da sua generalização.

Palavras-chave: Bilinguismo; Interferências linguísticas; Monolinguismo interferencial; Português; Kimbundu.

Abstract: This study aimed to identify the marks of nominal morphology of Kimbundu in the Portuguese spoken by speakers from Bairro-8, in the formation of degree and number. For this, data were collected from the speech of native speakers of Portuguese and Kimbundu and analyzed in relation to the formation of augmentative and diminutive degree and number, in both languages. The results indicated that the linguistic contact between Portuguese and Kimbundu in this community is the main factor for the interference of the nominal morphology of the Kimbundu language in the use of the Portuguese language and is one of the elements responsible for the interference monolingualism in Angola. Given the frequency and presence of the number and degree marks of Kimbundu in the Portuguese spoken by the Bairro-8 community, here is a normal view of the phenomena due to the obvious tendency of their generalization.

Keywords: Bilingualism; Linguistic Interference; Interference Monolingualism; Portuguese; Kimbundu.

Introdução

Atualmente, a língua portuguesa é a língua materna de um número considerável da população angolana e segunda língua da maioria dessa população. Infelizmente, é a única língua oficial, utilizada em toda a administração pública, e língua de ensino em todos os níveis. A situação linguística angolana é incisivamente marcada pelos fenômenos de bilinguismo, multilinguismo, plurilinguismo e o monolinguismo interferencial. O contato linguístico entre o português e o Kimbundu² tem constituído um dos fatores que contribuem para a interferência linguística.

¹ Licenciado em Ensino da Língua Portuguesa pela Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESPB). Membro afeto ao Projecto de Definição de Espaço de Línguas de Angola (PRODELINA) da ESPB. E-mail: fanonjunior23@gmail.com

² Língua Bantu de Angola, a única dos reinos do Ndongo e Matamba.

Reconhecendo-se que, na comunidade do Bairro-8, o Kimbundu coabita com o português, urge a necessidade de se estudar os fenômenos linguísticos que envolvem esses dois sistemas linguísticos. Como se afirma, no presente estudo, a morfologia nominal do Kimbundu difere da morfologia nominal do português, desde o processo de formação do número ao processo de formação do grau, que, na primeira língua, ocorre pela prefixação e, na segunda, pela sufixação.

A discussão que se propõe fazer, neste trabalho, encontra-se organizada em duas seções. Na primeira, tratamos da fundamentação teórica, na qual são discutidas as questões teóricas atreladas à situação linguística angolana, a partir dos conceitos monolinguismo interferencial, morfologia nominal do português e do Kimbundu, questões de bilinguismo e interferência linguística. Na seção subsequente, procuramos, minuciosamente, descrever a metodologia utilizada nesta investigação, desde o tipo de pesquisa, métodos, técnicas de coleta de dados, participantes do estudo, as interferências da morfologia nominal do Kimbundu no português, e as conclusões da investigação.

É certo que as línguas bantu em Angola continuam em contato com a Língua Portuguesa, fato que justifica, de modo particular, que o Kimbundu, num processo de coabitação linguística com o português, na comunidade do Bairro-8, tem grandes possibilidades de interferir no uso da segunda língua.

Bilinguismo

No contexto do Bairro-8, o bilinguismo é um conceito muito presente, pois a maioria da população adulta tem o Kimbundu como segunda língua.

De acordo com Costa (2006), a especificação do conceito de bilinguismo depende do aspecto a partir do qual é analisado. Deste modo, pode falar-se de bilinguismo social, individual, pedagógico e até profissional, de acordo com a realidade concreta à qual se aplica o conceito. Para este autor, ocorrem duas manifestações de comportamento verbal, segundo o ponto de vista comunicativo de um bilíngue. A primeira refere-se ao que se chama bilíngue perfeito, ou seja, a situação em que um falante se transforma no locus de contato de dois sistemas linguísticos que se apresentam coordenados de forma paralela e autônoma, livres de qualquer fenômeno de contaminação interidiomática. O falante com essa capacidade de comunicação transita do esquema linguístico A ao B, usando-os alternadamente, sem que ocorram misturas interferenciais dos seus códigos. A segunda manifestação, conforme aponta Costa (2006), é caracterizada pela ausência de total autonomia entre os códigos por ele usados. Estes já não se apresentam coordenados de forma paralela, mas heterogeneamente amalgamados e fundidos.

As interferências linguísticas ocorrem exatamente neste último caso, quando o falante tende a transferir as regras da sua língua materna para a segunda língua, pois se reconhece que a primeira e a segunda línguas apresentam diferenças gramaticais. É neste contexto de ausência de autonomia que impera o conceito de bilinguismo, um aspecto que caracteriza a realidade sociolinguística de Angola.

Geolinguística do Kimbundu

Segundo Manuel (2017), a língua portuguesa e a língua Kimbundu configuram, de fato, duas realidades culturais diferentes. A primeira pertence ao grupo das línguas neolatinas e a segunda ao grupo das línguas bantu. Do ponto de vista estrutural e funcional, os dois sistemas linguísticos apresentam características próprias que os diferenciam um do outro.

A língua Kimbundu é a única do reino do Ndongo e Matamba, que geograficamente povoavam as margens do Rio Kwanza desde o Oceano Atlântico até a Baixa de Kassanje e compreendia as extensões do percurso de todo o rio Lucala.

No entender de Augusto (2016), a língua Kimbundu, no reino do Ndongo e Matamba, servia de veículo de comunicação e identidade grupal, porque pelo falar se distinguia o usuário dessa língua dos falantes de grupos etnolinguísticos diferentes. Os reinos estabeleciam as suas fronteiras com base nas línguas diferentes. A cada reino correspondia uma língua, um rei e um território, identificados por traços de hábitos comuns e costumes coletivos que se ramificavam no ser e no estar absorvidos e externados por cada membro de grupo no seu agir singular. Esses costumes distinguiam e caracterizavam a cultura de cada grupo etnolinguístico na sua especificidade.

Na segunda metade do séc. XVI, no dia 03 de Maio de 1560, deu-se a chegada oficial da língua portuguesa no reino do Ndongo e da Matamba, foi o germe de um bilinguismo secular de português-Kimbundu que se grassa até aos nossos dias como herança histórica linguística (AUGUSTO, 2016).

O Kimbundu é uma língua bantu, pertencente ao tronco nigero-congolês, falada maioritariamente em Angola pelos ambundu, principalmente nas províncias do Bengo, Malanje, Kwanza Norte, Kwanza Sul e Luanda, e é classificada como H20, segundo a tipologia de Guthrie. Segundo dados do recenseamento geral da população e da habitação (RGPH) de Angola, realizado em 2014 e publicado em 2016, o Kimbundu é a terceira língua mais falada em Angola (7,82%) com pouco menos de 1.900.000 falantes em uma população estimada de 25.789.024 de habitantes. Em relação ao número de falantes, o Kimbundu é superado pelo umbundu (22,96%) e pelo kikongo com 8,24% (SILVA, 2020).

Classes nominais do Kimbundu

A posterior, aborda-se a formação do grau e do número no português falado no Bairro-8. Antes, porém, apresentamos os prefixos substantivais do Kimbundu, elementos responsáveis tanto pela formação do grau aumentativo e diminutivo como do número nessa língua.

Reconhecemos a pertinência de diferentes trabalhos sobre as classes nominais do Kimbundu, porém a perspectiva que defendemos e seguimos à risca neste trabalho é a dos linguistas Fernandes e Ntondo (2002):

Tabela 1.1 Prefixos substantivais do Kimbundu

Classe	Prefixo	Kimbundu	Português
1	mu-	Mutudi	Viúva
2	a-	Atudi	Viúvas
3	mu-	Mutwe	Cabeça
4	mi-	Mitwe	Cabeças
5	di-	Dibhitu	Porta
6	ma-	Mabhitu	Portas
7	ki-	Kimbi	Cadáver
8	i-	Imbi	Cadáveres
9	Ø,i-	mbundi, ixi	ovelha, país
10	Ji	jimbindi, jixi	ovelhas, países
11	Lu	Lumweno	Espelho
12	ka-	Kasende	Calcanhar
13	tu-	Tusende	Calcanhares
14	u-	Uhaxi	Doença
15	ku-	Kudya	Comida
Classes locativas			
16	Bhu		
17	Ku		
18	Um		

Fonte: Fernandes e Ntondo (2002)

Como se pode observar, a formação do singular e do plural no Kimbundu é feita por meio dos prefixos nominais. Por exemplo, a classe nº 1 mu- serve para formar o singular de alguns nomes cujo plural é formado pela adição da classe nº 2 a-, como o caso da palavra **mutudi**, que traduzida para o português, significa viúva (singular), e **atudi**, que traduzida é viúvas (plural).

É importante referir que as classes 16, 17 e 18 fazem parte das classes locativas. O locativo é um argumento que se aplica à representação das múltiplas dimensões que linguisticamente especificam o espaço (interioridade).

Interferências linguísticas e monolingüismo interferencial em Angola

De acordo com Cardoso (2005), as interferências linguísticas ocorrem sempre que há línguas em contato. Por interferência ou transferência negativa, entende-se o uso de uma regra ou padrão linguístico presente na primeira língua e transferido “erradamente” para a segunda língua. O fato de os bilíngües, de uma maneira geral, especializarem as

línguas de que dispõem consoante às situações de comunicação em que se encontram faz com que intervenham vários parâmetros.

A mesma autora faz menção ao fato de que, no processo de aquisição de uma segunda língua, há sempre interferências da língua materna, pois é frequente recorrer-se a ela para analisar os dados da nova língua, uma vez que a língua materna predomina o pensamento e tende a interferir nas línguas aprendidas em segundo lugar. Quando a língua alvo é aprendida apenas em contexto formal, como a escola, o fosso entre o domínio das duas línguas ainda é maior. Por isso, afirma-se que o falante pensa na sua língua materna na realização da segunda língua, o que provoca, geralmente, o fenômeno de interferência linguística.

Assim, podemos considerar que os falantes que têm o Kimbundu como língua materna, no uso do português, transferem as regras da sua primeira língua. Como se poderá observar a posterior, os mesmos prefixos nominais do Kimbundu, usados na formação do grau, surgem também na formação dos graus em português, conservando-se a posição exclusiva e privilegiada da língua materna do falante do português em Angola, particularmente, no Bairro-8, província do Bengo.

As interferências da língua materna na língua alvo ocorrem em todos os níveis da língua, sendo o lexical o mais frequente na medida em que tanto num pequeno elemento linguístico como o fonema, como num maior como o sintagma, transmitem-se, geralmente, através do elemento lexical. É necessário ter em conta que, neste processo de aquisição, há características no falar de um bilíngue que não são explicáveis nem por interferência nem pela gramática da língua alvo, o que requer um extremo cuidado na interpretação dos dados linguísticos em situações de contato de línguas. Estes casos podem ser imputáveis a universais linguísticos, depois de analisados e comparados com casos idênticos já testados em produtos de contato entre outras línguas ou em línguas não sujeitas a contato (CARDOSO, 2005).

No português de Angola, as interferências linguísticas têm sido fonéticas, morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas e até dialetais. As interferências morfológicas e sintáticas, que se destacam de grosso modo no nosso estudo, caracterizam-se, sobretudo, pela substituição da funcionalidade das categorias gramaticais por outras semelhantes da língua de origem ou pela substituição das próprias regras gramaticais. Os casos mais frequentes, segundo os estudos consultados, neste trabalho, são: a flexão verbal, a falta de concordância em gênero e número, a falta de uso dos artigos definidos.

Entendendo que a interferência linguística ocorre quando se está diante de um falante bilíngue, no contexto angolano, nasce um fenômeno de interferência linguística pouco comum, em que se evidencia a ausência do bilinguismo, que se trata neste trabalho de monolinguismo interferencial.

Em relação ao monolinguismo interferencial na situação linguística angolana, ele refere-se à interferência das línguas bantu faladas em Angola no português, mesmo por falantes monolíngues em português.

Assim, o monolinguismo interferencial é um fenômeno linguístico observado na situação linguística angolana, em que falantes monolíngues em português apresentam interferência das línguas bantu faladas em Angola no português adquirido. Essa interferência pode ser observada em aspectos de pronúncia, vocabulário, construção frásica, e pode ser resultado da convivência do português com outras línguas desde o processo de aquisição do português pelo falante.

O monolinguismo interferencial é um dos maiores reflexos da existência de um português angolano, que se vai passando de geração em geração.

Metodologia

Para Kaptiya (2014), a pesquisa é um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico que permite descobrir novos fatos ou dados, soluções ou leis, em qualquer área do conhecimento. Sendo assim, é a metodologia que nos oferece diretrizes que orientam qualquer pesquisa científica.

A investigação que nos propusemos realizar foi levada a cabo na província do Bengo, município do Dande, bairro-8, localidade que nos serviu de palco para a observação dos fenômenos que nos propusemos analisar, enquanto fonte direta e preciosa de coleta de dados. Deste modo, selecionamos o paradigma qualitativo, uma vez que o objetivo do nosso estudo se encontra atrelado à compreensão e descrição do comportamento linguístico da população alvo, de modo a compreender até que ponto a morfologia nominal do Kimbundu interfere na realização do português falado pelos falantes dessa comunidade.

Do ponto de vista dos procedimentos, utilizamos a pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de trabalhos já publicados, constituídos principalmente em livros, dissertações de mestrado e teses de doutoramento, muitos deles disponibilizados na internet.

Em se reconhecendo que a adoção de um ou outro método depende de muitos fatores como a natureza do objeto que se pretende pesquisar, dos recursos materiais disponíveis, do nível de abrangência do estudo e sobretudo da inspiração filosófica do pesquisador, no presente estudo, servimo-nos do método comparativo, que nos permitiu comparar a morfologia nominal do português com a do Kimbundu, onde convergem e divergem. Gil (1999 apud PRODANOV, 2013) comenta que o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vista a ressaltar as diferenças e as similaridades entre eles. A sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes agrupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo (GIL, 1999 apud PRODANOV, 2013). Partindo deste pressuposto, selecionou-se o método comparativo, na medida em que se julgou que, a partir de leituras de diferentes referências bibliográficas sobre essas duas línguas, se pode comparar a morfologia nominal das duas, para se ter uma ideia melhor das interferências linguísticas correspondentes ao problema científico levantado neste estudo.

Em relação às técnicas de coleta de dados, o presente estudo serviu-se da técnica de observação não-participante e da observação participante.

De acordo com o mesmo autor, a técnica de observação não-participante é também conhecida como observação passiva. O pesquisador não precisa se integrar ao grupo observado, permanecendo de fora. Presencia o fato, mas não participa dele, não se deixa envolver pelas situações, pelo que desempenha o papel de espectador.

Com esta técnica não foi possível fazer gravação de áudio, porém nos foi possível anotar as construções frásicas dos falantes observados. Em se reconhecendo que esse tipo de observação requer a elaboração de um plano para a sua execução, elaboramo-lo de forma simples e objetiva, determinando os grupos com diferenças no gênero e as construções frásicas da Língua Portuguesa com interferências da morfologia nominal da língua Kimbundu.

Conforme se fez saber acima, também nos apropriamos da técnica de observação participante, que permitiu a nossa integração em alguns grupos. Segundo se pode ler em Gil (Ibidem), a técnica de observação participante facilita o rápido acesso a informações ou situações em que os membros de uma comunidade estão inseridos; permite o acesso a

dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado e capta palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados. Desse modo, essa técnica ajudou-nos a esclarecer os observados em relação à importância da nossa investigação e partilhar com eles ideias simplificadas do que é uma língua materna e o que é uma segunda língua. Foi através desta técnica que utilizámos o celular para a gravação da conversa dos grupos nos quais nos encontrávamos inseridos.

Sendo um trabalho que visa descrever as interferências da língua Kimbundu no Português falado pela comunidade do bairro-8, na coleta de dados, utilizamos instrumentos que nos permitiram fazer captações de voz e escrever as ocorrências dos falantes como: celular com capacidade de gravação de áudio, blocos de apontamento e lapiseiras. Enquanto observávamos a fala dos informantes, tomávamos nota das frases que se julgavam congruentes para o alcance dos objetivos delineados no nosso trabalho, sem perder de vista que os diálogos eram gravados na íntegra.

Conforme se fez menção atrás, o nosso estudo enquadra-se no tipo de pesquisa qualitativa. Por ser nosso intento a descrição das interferências da língua Kimbundu no nível da morfologia nominal no uso da língua portuguesa, selecionamos a técnica de observação, por formas a permitir-nos ver, ouvir e examinar os fenômenos linguísticos na população alvo.

A transferência de regras de formação do número e do grau do Kimbundu para o português, considera-se a marca da primeira língua na segunda, na comunidade da Açucareira, bairro-8.

Participantes do estudo

Para a nossa pesquisa, a amostra contempla os falantes da comunidade da Açucareira, bairro-8, que estamos a considerar participantes do estudo.

Dada à natureza qualitativa do nosso estudo e por se julgar que o mais importante seja a produção de novas informações, selecionamos, sem qualquer preocupação numérica, moradores da comunidade da Açucareira, bairro-8, província do Bengo (Angola), como participantes do estudo que levamos a cabo.

Apresentação, análise e discussão dos resultados

Nesta seção, procuramos fazer a apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos através da técnica de observação sistemática e não-participante, feitas aos falantes da comunidade do bairro-8 durante o período de coleta de dados.

A análise dos dados centrar-se-á na identificação de frases do português produzidas pelos falantes da comunidade do bairro-8, que contêm marcas da morfologia nominal da língua Kimbundu. Por conseguinte, a discussão será feita em torno dos dados obtidos das observações de acordo com as questões teóricas sobre a morfologia nominal do português e do Kimbundu que nortearam a fundamentação teórica do nosso trabalho. A organização dos dados foi feita de acordo com a sua especificidade. As construções frásicas do português que apresentam interferências da morfologia nominal do Kimbundu nas categorias de número (singular e plural) ou grau (aumentativo e diminutivo) serão apresentadas e analisadas organizadamente, tendo em conta o tipo de assunto e de acordo com o que se encontrou no campo.

Interferências do número em Kimbundu

Através da técnica de observação participante e não-participante, fizemos a coleta de construções frásicas da Língua Portuguesa que contêm marcas da morfologia nominal do Kimbundu. Abaixo apresentamos todas as produções relacionadas com a categoria de número, realizadas pelos falantes da comunidade do bairro-8:

- a) Os rapaz estão todos em casa.
- b) (...) nos deu uns valor para fazer um trabalho.
- c) Os aluno da ESP são achado.
- d) Pelo visto os prato de hoje estão a cuiar.
- e) Um menor de 15 ano não pode entrar em conflito com a lei.
- f) Tantas reforma de ensino, tantas metodologia, as criança escrevem mal.
- g) Os estrangeiro começaram a se retirar do país.
- h) Estudamos até com os filho dos branco.
- i) Os pai têm uma grande responsabilidade (...).
- j) Todas casa estão mal construída.
- k) As escola do Estado precisam de mais organização.

Para melhor se explicar esses fenômenos, é importante que se reafirme que a formação do plural na língua portuguesa é feita de maneira diferente da língua Kimbundu, isto é, através da adição da desinência -s no final de uma palavra na sua forma singular, sobretudo quando terminada por uma vogal. O processo de formação do plural na língua Kimbundu é totalmente oposto ao do português, conforme já se frisou. Se por um lado a adição do -s no final da palavra é o processo através do qual se forma o plural dos nomes no português, por outro lado a prefixação é o processo de formação do plural dos nomes no Kimbundu.

É importante referir que, embora as questões relacionadas com a concordância em número sejam trabalhadas pela Sintaxe, a sua origem está na morfologia do nome, sobretudo para o contexto angolano em que o português coabita com as demais línguas bantu. De acordo com Ntondo (2006), um substantivo é uma unidade pronta a assumir uma função sintática num enunciado qualquer e, por este fato, é um constituinte nominal.

Deve-se primeiro compreender que na alínea a), por exemplo, o substantivo rapaz, de acordo com as normas da língua portuguesa, formaria o plural em rapazes, distinguindo-se da sua forma singular. Tendo em conta a força da morfologia nominal do Kimbundu, os falantes que têm esta língua como primeira (L1), transferem para o português as regras de formação do plural, por se julgar que o falante, embora, no uso da sua segunda língua, pense na sua língua materna. Outrossim, é importante compreender que esses fenômenos não têm sempre a ver com o fato de o Kimbundu ser língua materna, mas também pelo fato de o português, que determinados falantes têm como língua materna, ser resultado da coabitação com o Kimbundu desde aquisição da segunda língua pelo falante.

As nossas idas ao campo permitiram-nos, por meio da observação, confirmar as ocorrências frequentes dessas construções, como se pode ver nas alíneas abaixo:

- f) Tantas reforma de ensino, tantas metodologia, as criança escrevem mal.
- g) Os estrangeiro começaram a se retirar do país.
- h) Estudamos até com os filho dos branco.

Como se pode ver, para a gramática da língua portuguesa trata-se de erros, por não haver concordância, entre o determinante artigo e o nome. No entanto, o que temos aqui é um caso de interferência linguística. O falante do português, que tem o Kimbundu como sua língua materna, sente-se desconfortável formar o plural dos nomes a partir da adição no final da palavra por se tratar de um padrão de formação do plural que diverge do padrão da sua língua materna, e conforma-se com a simples pluralização do artigo que antecede o nome. Esse fenômeno, embora se possa verificar no plano sintático, acredita-se, nesta pesquisa, tem a sua origem morfológica. Aliás, como aponta Ntongo (2006), os prefixos de uma maneira geral participam no jogo de comunicação, na distinção entre singular e plural. Dito de outro modo, no kimbundu, a prefixação se dá no nome e, no português analisado, aparentemente marca-se o determinante, que se localiza antes do nome. Essa marcação, na verdade, é a realização da regra de prefixação do nome em kimbundu, transferida para o português como segunda língua.

Armindo (2020) considera que um falante nativo de uma língua bantu, sobretudo o Kimbundu, tem no seu subconsciente uma estrutura concordante baseada na sua língua materna, cuja marcação de número é anteposta a cada elemento da frase, ou seja, para um falante de português em Angola, o núcleo do sintagma nominal dificilmente recebe marcação de número. A pluralização é indicada por acréscimo do sufixo -s apenas aos elementos não nucleares que precedem o sintagma nominal (SN).

Marques (1983 apud ARMINDO, 2020) diz que a falta de marcação de número no núcleo do SN resulta do fato de, nas línguas bantu, esta categoria ser marcada nos nomes através de prefixos e não de sufixos. A título ilustrativo, esse fenômeno é verificado duas vezes ou mais, numa mesma sentença, como se pode verificar na alínea h) com os nomes filho e branco. De igual modo, de acordo com o nosso estudo, pode-se constatar o apagamento do plural com grande predominância, como na frase abaixo realizada por um dos participantes do nosso estudo:

f) Tantas reforma de ensino, tantas metodologia, as criança escrevem mal.

Interferências do grau em Kimbundu

Como é evidente, regra geral, a formação dos graus aumentativo e diminutivo em língua portuguesa processa-se através da derivação por sufixação (sufixo), o que contrasta com o processo de formação do grau aumentativo e diminutivo da língua Kimbundu.

A formação do diminutivo e aumentativo, no português falado no bairro-8, tem sofrido várias interferências da morfologia nominal do Kimbundu. A presença do ki e ka, como diminutivo e aumentativo, foi registrada com grande frequência durante a observação feita, segundo se pode ver nas seguintes construções frásicas coletadas a partir das falas dos falantes observados:

- a) Vim comprar dois kaveneno.
- b) Vou na kapraça.
- c) Esse kicarro é dos primeiros modelos.
- d) Esse kapão bem pequeno é da Marilu, não é?
- e) Este kafunji vou comer com quem?
- f) Kapessoa toda estranha(...).
- g) Parei para conversar com o dono da bancada, aquela kamoto é minha.
- h) (...) kimulher para manter!
- i) Kicasa é esta, irmão? Só existe no papel.
- j) Só a Kivida que o Ronaldo tem.

- k) Me dá só um kaquinhentos kwanzas.
- l) Muita achada, mas só kaperna dela!
- m) Paga ainda uma kacerveja!
- n) Esse teu kiolho vai te matar um dia.

A língua portuguesa apresenta um padrão diferente de formação do diminutivo e aumentativo, através da sufixação. O diminutivo na língua Kimbundu processa-se por meio de dois prefixos nominais que são: o de classe 12 (ka), indicando o singular e o seu par, a classe 13 (Tu), que indica o plural. Essas regras do Kimbundu têm sido transferidas para o português falado no bairro-8, pelo que essa transferência acaba por se consubstanciar em interferência linguística, pois o padrão de formação do diminutivo dessas duas línguas difere. Vejamos, pormenorizadamente, os casos abaixo:

- a) Vim comprar dois kaveneno.
- b) Vou na kapraça.
- d) Esse kapão bem pequeno é da Marilu, não é?
- e) Este kafunji vou comer com que?
- f) Kapessoa toda estranha (...).
- g) Parei para conversar com o dono da bancada, aquela kamoto é minha.

De igual modo, constatou-se que os falantes do bairro-8 transferem o padrão de formação do grau aumentativo do Kimbundu para o português. Em outras palavras, esses falantes, mesmo no uso da língua portuguesa, formam o aumentativo não a partir da sufixação que caracteriza a língua em uso, porém por prefixação, que caracteriza o Kimbundu. É a classe 7 (ki) responsável pela formação do aumentativo em língua Kimbundu, e é o prefixo dessa classe que se utiliza para a formação do aumentativo em português falado pelos falantes do bairro-8, como nos contextos frásicos acima.

Em suma, entendemos que o contato linguístico entre o português e o Kimbundu, nesta comunidade, é o grande fator para que a morfologia nominal da língua Kimbundu interfira no uso da língua portuguesa por esses falantes. Dada a frequência do uso e a presença das marcas de número e grau do Kimbundu no português no bairro-8, percebe-se um olhar normal a esses fenômenos pela tendência da sua generalização.

Conclusão

De acordo com o estudo realizado, concluímos que o contato linguístico entre o português e o Kimbundu, nesta comunidade, é o grande fator para que a morfologia nominal da língua Kimbundu interfira no uso da língua portuguesa e é um dos elementos responsáveis pelo monolinguismo interferencial em Angola. Dada a frequência do uso e presença das marcas de número e grau do Kimbundu no português falado pela comunidade do bairro-8, percebe-se um olhar normal a esses fenômenos pela óbvia tendência da sua generalização.

Como resposta aos questionamentos levantados neste trabalho, de acordo com o tipo de pesquisa, método e técnicas de coleta de dados dos quais nos servimos, observamos que o uso das regras de formação do número (singular e plural) e grau (aumentativo e diminutivo) constituem marcas do Kimbundu no português falado pela comunidade do bairro-8. A formação do plural na língua portuguesa é feita de maneira diferente da língua Kimbundu, isto é, a partir da adição da desinência -s no final de uma palavra na sua forma singular, sobretudo quando terminada por uma vogal. O processo de formação do plural na língua Kimbundu é totalmente oposto ao do português. Se por

um lado o acréscimo do –s no final da palavra é o processo através do qual se forma o plural dos nomes no português, por outro lado a prefixação é o processo de formação do plural dos nomes no Kimbundu. Deste modo, a transferência das regras do Kimbundu ao português tem interferido no uso desta língua, pelo fato de as duas línguas terem padrões totalmente opostos.

Importa referir que um falante nativo do Kimbundu tem no seu subconsciente uma estrutura concordante baseada na sua língua materna, cuja marcação de número é anteposta a cada elemento da frase, ou seja, para um falante de português no bairro-8, o núcleo do sintagma nominal dificilmente recebe marcação do número, a título comprovativo, os falantes observados não pluralizavam os nomes, porém, os determinantes artigos são pluralizados.

Outrossim, a formação do diminutivo e aumentativo no português falado no bairro-8 tem sofrido várias interferências da morfologia nominal do Kimbundu. A presença do ki- e do ka-, como aumentativo e diminutivo, foi registrada com grande frequência durante a observação, o que constituem, também, marcas do Kimbundu identificadas no português falado nessa comunidade.

Os fenômenos identificados nesta pesquisa são amostra de que, no contexto angolano, a língua portuguesa coabita com outras línguas do grupo bantu, o que caracteriza as interferências linguísticas como uma imposição em contexto onde o bilinguismo, plurilinguismo, multilinguismo e monolinguismo interferencial predominam.

Propomos para estudos subsequentes que as questões relacionadas à concordância em número, envolvendo o Kimbundu e o português, embora sejam muito discutidas no nível da Sintaxe, se compreendam a partir da morfologia do nome da língua kimbundu que interfere no uso da outra, por nela residirem as causas de tais fenômenos linguísticos.

Em suma, considerando a complexidade das questões linguísticas em Angola, deixamos em aberto o presente estudo, para que o fenômeno em causa continue a ser investigado.

Referências

- ARMINDO, V. (2020). Tese de doutoramento, **O contributo do Kimbundu no português em Angola (aspectos lexicais)**. Luanda: Nzila.
- AUGUSTO, M. A. (2016). Tese de Doutoramento, **Morfologia Contrastiva entre Português e Kimbundu: Obstáculos e suas causas na escrita e ensino da língua portuguesa entre os Kimbundu em Angola**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP.
- CARDOSO, A. J. (2005). **As interferências Linguísticas do Caboverdiano no Processo de Aprendizagem do Português**. Lisboa: Universidade Aberta.
- COSTA, A. F. (2006). **Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola**. Luanda: Universidade Católica de Angola.
- FERNANDES, J. & NTONDO, Z. (2002). **Angola: povos e línguas**. Luanda: Editorial Nzila.
- GIL, C. A. (1999). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas.
- KAPITYA, F. (2014). **ABC de Metodologia Científica**. Benguela: Secretariado Diocesano de Pastoral.
- MANUEL, M. J. (2017). Dissertação de Mestrado, **Conhecimento das Diferenças sintáticas entre a Língua Portuguesa e Língua Kimbundu**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, Artes e Letras.

- MARQUES, I. g. (1983). Algumas reflexões sobre a problemática linguística em Angola. In: **Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo**, vol. I. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
- NTONDO, Z. (2006). **Morfologia e Sintaxe do Ngangela**. Luanda: Nzila.
- PRODANOV, C.C. (2013). **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico**. Rio Grande do Sul: FEEVALE.
- SILVA, A. A. (2020). **A Voz Verbal em Kimbundu**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Submetido em 03 de janeiro de 2024.

Aprovado em 02 de abril de 2024.